

O complô de Curtis Yarvin contra os Estados Unidos

O apelo do blogueiro reacionário por um monarca para governar o país já pareceu uma piada. Agora a direita está pronta para se ajoelhar.

By Ava Kofman June 2, 2025



Yarvin quer destruir a democracia. Peter Thiel, Marc Andreessen e J. D. Vance estão entre seus fãs. Foto de Carolyn Drake para a The New Yorker.

Na primavera e no verão de 2008, quando Donald Trump ainda era um democrata registrado, um blogueiro anônimo conhecido como Mencius Moldbug publicou um manifesto em série com o título "An Open Letter to Open-Minded Progressives" (Uma carta aberta aos progressistas de mente aberta). Escrita com o desinteresse zombeteiro de um ex-crente, a carta de cento e vinte mil palavras argumentava que o igualitarismo, longe de melhorar o mundo, era na verdade responsável pela

maioria de seus males. O fato de seus leitores benevolentes pensarem o contrário, argumentava Moldbug, era devido à influência da mídia e da academia, que trabalhavam juntas, mesmo que inconscientemente, para perpetuar um consenso liberal de esquerda. A essa aliança nefasta ele deu o nome de Cathedral. Moldbug exigiu nada menos que sua destruição e uma "reinicialização" total da ordem social. Ele propôs "a liquidação da democracia, da Constituição e do estado de direito" e a eventual transferência de poder para um CEO (alguém como Steve Jobs ou Marc Andreessen, sugeriu ele), que transformaria o governo em "uma corporação fortemente armada e ultra-lucrativa". Esse novo regime venderia as escolas públicas, destruiria as universidades, aboliria a imprensa e prenderia "populações descivilizadas". Ele também demitiria funcionários públicos em massa (uma política que Moldbug mais tarde chamou de RAGE - Remova todos os funcionários do governo) e interromperia as relações internacionais, incluindo "garantias de segurança, ajuda externa e imigração em massa".

Moldbug reconheceu que sua visão dependia da sanidade de seu executivo-chefe: "É claro que, se ele ou ela se tornar Hitler ou Stalin, acabamos de recriar o nazismo ou o stalinismo". No entanto, ele descartou os fracassos dos ditadores do século XX, que ele considerava dependentes demais do apoio popular. Para Moldbug, qualquer sistema que buscasse legitimidade nas paixões da multidão estava fadado à instabilidade. Embora os críticos o rotulassem de tecnofascista, ele preferia se autodenominar monarquista ou jacobita - uma homenagem aos partidários de James II e seus descendentes que, nos séculos XVII e XVIII, se opuseram ao sistema parlamentar britânico e defenderam o direito divino dos reis. Não importa a Revolução Francesa, a bête noire dos pensadores reacionários: Moldbug acreditava que as Revoluções Inglesa e Americana tinham ido longe demais.

Se a "Carta Aberta" de Moldbug demonstrava pouca afeição pelas massas, ela insinuava que elas ainda poderiam ser úteis. "O comunismo não foi derrubado por Andrei Sakharov, Joseph Brodsky e Václav Havel", escreveu ele. "O que era necessário era a combinação de filósofo e multidão." O melhor lugar para recrutar essa multidão, segundo ele, era a Internet - uma intuição astuta. Em pouco tempo, os links para o blog de Moldbug, "Unqualified Reservations", estavam sendo repassados por técnicos libertários, burocratas insatisfeitos e racionalistas autodenominados - muitos dos quais formaram a tropa de choque de um movimento intelectual on-line que veio a ser conhecido como neo-reação ou Iluminismo Negro. Embora poucos tenham se transformado em monarquistas absolutos, seu desprezo pela elevação da era Obama parecia encontrar voz nas heresias de Moldbug. Em sua frase mais influente, que rapidamente ganhou força entre a nascente alt-right, Moldbug incentivou seus leitores a se despertarem de seu sono ideológico tomando a "pílula vermelha", como o personagem de Keanu Reeves em "Matrix", que escolhe a verdade assustadora em vez da ignorância satisfeita.

Em 2013, um artigo no site de notícias TechCrunch, intitulado "Geeks for Monarchy", revelou que Mencius Moldbug era o pseudônimo cibernético de um

programador de quarenta anos de idade de São Francisco chamado Curtis Yarvin. Ao mesmo tempo em que tentava redesenhar o governo dos EUA, Yarvin também sonhava com um novo sistema operacional de computador que, segundo ele, serviria como uma "república digital". Ele fundou uma empresa que batizou de Tlon, em homenagem à história de Borges "Tlön, Uqbar, Orbis Tertius", na qual uma sociedade secreta descreve um elaborado mundo paralelo que começa a se sobrepor à realidade. Ao arrecadar dinheiro para sua startup, Yarvin tornou-se uma espécie de Maquiavel para seus benfeitores da grande tecnologia, que compartilhavam sua visão de que o mundo seria melhor se eles estivessem no comando. Entre os investidores da Tlon estavam as empresas de capital de risco Andreessen Horowitz e Founders Fund, esta última fundada pelo bilionário Peter Thiel. Thiel e Balaji Srinivasan, na época sócio geral da Andreessen Horowitz, tornaram-se amigos de Yarvin depois de lerem seu blog, embora os e-mails compartilhados comigo revelassem que nenhum deles estava entusiasmado por estar publicamente associado a ele na época. "Quão perigoso é o fato de estarmos sendo associados?" Thiel escreveu para Yarvin em 2014. "Uma ideia tranquilizadora: uma de nossas vantagens ocultas é que essas pessoas" - guerreiros da justiça social - "não acreditariam em uma conspiração nem que ela os atingisse na cabeça (essa talvez seja a melhor medida do declínio da esquerda). Os vínculos os fazem parecer realmente loucos, e eles sabem disso".

Uma década depois, com a direita trumpiana abraçando o governo do homem forte, os vínculos de Yarvin com as elites do Vale do Silício e de Washington não são mais um segredo. Em uma participação em 2021 em um podcast de extrema-direita, o vice-presidente J. D. Vance, ex-funcionário de uma das empresas de capital de risco de Thiel, citou Yarvin ao sugerir que um futuro governo Trump "demitisse todos os burocratas de nível médio, todos os funcionários públicos do estado administrativo, substituindo-os por nosso pessoal" e ignorando os tribunais em caso de objeção. Marc Andreessen, um dos diretores da Andreessen Horowitz e consultor informal do chamado Departamento de Eficiência Governamental (DOGE), começou a citar seu "bom amigo" Yarvin sobre a necessidade de uma figura semelhante a um fundador para assumir o comando de nossa burocracia "fora de controle". Andrew Kloster, o novo conselheiro geral do Office of Personnel Management do governo, disse que a substituição de funcionários públicos por leais poderia ajudar Trump a derrotar "a Catedral".

"Há figuras que canalizam um Zeitgeist - Nietzsche os chama de homens oportunos - e Curtis é definitivamente um homem oportuno", disse-me um funcionário do Departamento de Estado que lê Yarvin desde a época do Moldbug. Em 2011, Yarvin disse que Trump era uma das duas figuras que pareciam "biologicamente adequadas" para ser um monarca americano. (O outro era Chris Christie.) Em 2022, ele recomendou que Trump, se reeleito, nomeasse Elon Musk para dirigir o Poder Executivo. Em um podcast com seu amigo Michael Anton, hoje diretor de planejamento de políticas do Departamento de Estado, Yarvin argumentou que as instituições da sociedade civil, como Harvard, precisariam ser fechadas. "A ideia de que você será um César . . com o

Departamento de Realidade de outra pessoa em funcionamento é manifestamente absurda", disse ele.

Em outra linha do tempo, Yarvin poderia ter continuado a ser um obscuro e ineficaz fanático da Internet, um de Maistre digital. Em vez disso, ele se tornou um dos pensadores antiliberais mais influentes dos Estados Unidos, um engenheiro do código-fonte intelectual do segundo governo Trump. "Yarvin empurrou a janela de Overton", disse-me Nikhil Pal Singh, professor de história da N.Y.U.. Seu trabalho reavivou ideias que antes pareciam estar fora dos limites da sociedade educada, disse Singh, e criou um roteiro para o desmantelamento do "estado administrativo e da ordem global do pós-guerra".

Como suas ideias foram concretizadas no DOGE e Trump passou a se identificar como um rei, era de se esperar que Yarvin estivesse exultante. Na verdade, ele passou os últimos meses preocupado com a possibilidade de o momento ser desperdiçado. "Se você está com tesão por Trump neste momento, aproveite", escreveu ele dois dias após a eleição. "É o mais difícil que você vai conseguir". O que muitos veem como o ataque mais perigoso à democracia americana na história do país, Yarvin descarta como lamentavelmente insuficiente - um "golpe de vibe". Sem uma tomada de poder autocrática completa, ele acredita, uma reação adversa certamente ocorrerá. Quando conversei com ele recentemente, ele citou as palavras de Louis de Saint-Just, o filósofo francês que defendeu o Reino do Terror: "Aquele que faz meia revolução cava sua própria sepultura".

No início deste ano, Yarvin e eu almoçamos em Washington, D.C., onde ele veio para comemorar a mudança de regime. Ele estava com seu traje habitual: calça jeans, botas Chelsea, uma camisa social amarrotada sob uma jaqueta de motociclista. Depois de dar algumas mordidas em um cheeseburger coberto com cebolas crocantes, ele afastou o prato. No ano passado, explicou, ele decidiu começar a tomar um medicamento semelhante ao Ozempic depois de um debate com o comentarista de direita Richard Hanania sobre os méritos relativos da monarquia e da democracia. "Eu o destruí em quase todos os aspectos", disse Yarvin, cutucando um tomate com o garfo. "Mas ele tinha uma grande vantagem, que era o fato de eu ser gordo e ele não."

As injeções pareciam estar funcionando. Enquanto eu comia, o telefone de Yarvin estava cheio de mensagens, algumas delas elogiando seu brilho. Naquela manhã, a Times Magazine havia publicado uma entrevista com ele, acompanhada de um retrato mal-humorado em preto e branco. Até pouco tempo atrás, Yarvin, com sua cortina desgrenhada de cabelos na altura dos ombros e um guarda-roupa mal ajustado, parecia indiferente à sua aparência. Agora, vestindo sua jaqueta de couro, ele olhava para o leitor através do cabelo elegantemente desgrenhado. Seu amigo Steve Sailer, um escritor de sites nacionalistas brancos, disse que ele parecia "o quinto Ramone".

Pessoalmente, assim como na mídia impressa, Yarvin se expressa com uma autoconfiança imperiosa. É quase impossível interrompê-lo. "Quando o rabino

está falando, você deixa o rabino falar", disse-me Razib Khan, um blogueiro de ciência de direita e amigo íntimo de Yarvin. Até mesmo seus amigos e familiares, no entanto, reconhecem que ele tem espaço para crescer como comunicador. Ele fala em um tom monótono e hesitante, raramente responde às perguntas de forma direta e é propenso a apartes desorientadores. No meio de uma conversa, ele sempre se distrai com outra coisa que poderia estar dizendo, como um GPS que fica sugerindo rotas mais rápidas.

Yarvin, por sua vez, ficou aliviado com o resultado da entrevista com o Times.

"Meu principal objetivo era: como não prejudicar nenhum de meus relacionamentos?",

disse ele. Durante anos, Yarvin foi mais conhecido, na medida em que era conhecido, como o filósofo da corte do Thiel-verse, a rede de empreendedores heterodoxos, intelectuais e parasitas que cercam o magnata da tecnologia. Ele mencionou que um empresário que ele conhecia havia reclamado certa vez a um jornalista que Thiel não havia investido dinheiro suficiente em sua empresa. "É um golpe e você está fora, e ele estava fora", disse Yarvin, suspirando teatralmente. Sua segunda meta, disse ele, era atingir o público do Times. Isso pareceu surpreendente: ele pediu que o governo fechasse o jornal. "Eu costumo estar mais interessado em alcançar pessoas que compartilham minha própria formação cultural", explicou Yarvin.

Ele gosta de contar a história de seus avós paternos, judeus comunistas do Brooklyn que se conheceram em uma reunião de esquerda nos anos trinta. Ele tem menos a dizer sobre seus avós maternos, WASPs (protestantes brancos anglo-saxões) de Tarrytown, com uma casa de campo em Nantucket. "A vibração do comunismo americano era: 'Temos trinta pontos de Q.I. sobre essas pessoas e vamos vencer'", disse ele. "É como se todas as crianças superdotadas formassem um partido político e tentassem dominar o mundo?" Os pais de Yarvin se conheceram na Brown, onde seu pai, Herbert, estava fazendo doutorado em filosofia. Depois de terminar a faculdade e não conseguir o a estabilidade ("muito arrogante", disse Yarvin), Herbert tentou escrever o Grande Romance Americano e depois entrou para o Serviço de Relações Exteriores como diplomata. Nos anos seguintes, a família morou na República Dominicana e no Chipre. Herbert era cínico em relação ao trabalho para o governo, e Yarvin parece ter herdado seu desdém: ele propôs várias vezes o fechamento das embaixadas americanas, uma perspectiva que o Departamento de Estado está considerando agora em partes da Europa e da África.

Yarvin é reticente quanto ao assunto de sua infância, mas amigos e familiares me disseram que seu pai podia ser severo, dominador e impossível de agradar. "Ele controlava a vida deles com mão de ferro", disse-me alguém que conhecia bem a família. "Era absolutamente seu domínio". (Yarvin rejeitou veementemente essa visão, dizendo que as pessoas que são controladoras tendem a ser inseguras, "e esse não é o jeito do meu pai". Palavras melhores para descrevê-lo, segundo ele, seriam "teimoso", "intenso" e "formidável" - como "um bom gerente").

Durante sua infância, Yarvin foi educado em casa por sua mãe e pulou três séries.

(Seu irmão mais velho, Norman, pulou quatro.) A família acabou se mudando para Columbia, Maryland, onde Yarvin entrou no ensino médio com 12 anos, no segundo ano. "Quando você é muito mais jovem que seus colegas de classe, você é um mascote adorável ou um alienígena estranho, ameaçador e perturbador", disse Yarvin, acrescentando que ele era o último. Yarvin foi selecionado para participar de um estudo da Johns Hopkins sobre prodígios da matemática. Ele frequentou o Center for Talented Youth da universidade, um acampamento de verão para crianças superdotadas, e foi campeão da área de Baltimore no "It's Academic", um programa de perguntas e respostas da televisão. Andrew Cone, engenheiro de software que atualmente mora em um quarto vago na casa de Yarvin, me disse que a infância de Yarvin parece tê-lo deixado com um sentimento de inadequação por toda a vida. "Acho que ele tem essa sensação de não ser bom o suficiente, de ser visto como ridículo ou pequeno, e que a única saída é se apresentar", disse Cone.

Yarvin estudou na Brown, formou-se aos dezoito anos e depois entrou em um programa de doutorado em ciência da computação na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Antigos colegas me disseram que ele usava um capacete de bicicleta nas aulas e parecia ansioso para mostrar seu conhecimento ao professor. "Ah, você quer dizer cabeça de capacete?", disse um deles quando perguntei sobre Yarvin. A piada entre alguns de seus colegas de classe era que o capacete impedia que novas ideias penetrassem em sua mente. Ele encontrou uma comunidade maior na Usenet, um precursor dos fóruns on-line de hoje. Mas mesmo em grupos como talk.bizarre, onde a ostentação intelectual era a norma, ele se destacava por seu desejo de dominar. Além de postar piadas, conselhos, versos leves e "flames" (ataques violentos a outros usuários), ele mantinha um "kill file", uma lista de membros que havia bloqueado por considerar suas postagens desinteressantes. "Ele queria ser visto como o cara inteligente - isso era muito, muito importante para ele", disse-me sua primeira namorada, Meredith Tanner. Ela foi atraída por Yarvin depois de ler uma de suas chamadas virtuosas, e os dois namoraram por alguns anos. "Não se envolva com alguém só porque você está impressionado com a criatividade com que essa pessoa insulta as pessoas", advertiu ela. "Essa pessoa vai usar essa habilidade contra você."

Amigos de Yarvin, na casa dos vinte anos, o descreveram como um contrariano reflexivo que se divertia com provocações. "Ele não era um garoto gentil e, às vezes, podia ser desagradável, mas não era o Moldbug", disse um deles. Política e culturalmente, Yarvin era um liberal - "um hippie convicto", como Tanner disse. Ele tinha um rabo de cavalo, usava brincos de argola de prata, tomava ácido em raves e escrevia poesia. Tanner lembrou que, certa vez, quando ela questionou o valor da ação afirmativa nas admissões da faculdade, foi Yarvin quem a convenceu de sua necessidade.

Depois de um ano e meio de trabalho de doutorado, Yarvin deixou o mundo acadêmico para buscar sua fortuna no setor de tecnologia. Ele ajudou a projetar uma versão inicial de um navegador da Web móvel para uma empresa que veio a ser conhecida como Phone.com. Em 2001, começou a namorar Jennifer Kollmer, uma dramaturga que conheceu na Craigslist, com quem se casou mais tarde e teve dois filhos. A Phone.com havia se tornado pública, o que lhe rendeu um

milhão de dólares. Ele usou parte do dinheiro para comprar um apartamento perto do bairro de Haight-Ashbury, em São Francisco, e o restante para financiar um estudo autodirigido de ciência da computação e teoria política. "Eu estava acostumado a receber tapinhas na cabeça por ser inteligente", disse ele sobre sua decisão de deixar o cursus honorum da criança superdotada. "Divergir da economia do tapinha na cabeça foi uma escolha estranha e assustadora."

Na natureza selvagem, Yarvin se aprofundou em textos reconditos de história e economia, muitos deles acessíveis recentemente pelo Google Books. Ele leu Thomas Carlyle, James Burnham e Albert Jay Nock, além de uma profusão de blogs políticos do início da década de 1980. Yarvin atribui seu próprio momento de pílula vermelha à eleição presidencial de 2004. Enquanto muitos de seus colegas estavam sendo levados para a esquerda por mentiras sobre armas de destruição em massa no Iraque, Yarvin foi puxado na direção oposta por fabricações de um tipo diferente: a teoria da conspiração Swift Boat, promovida por veteranos aliados à campanha de George W. Bush, que alegavam que o candidato democrata, John Kerry, havia mentido sobre seu serviço no Vietnã. Parecia óbvio para Yarvin, que acreditava nas acusações, que assim que a verdade viesse à tona, Kerry seria forçado a desistir da disputa. Quando isso não aconteceu, ele começou a questionar o que mais havia ingenuamente acreditado. Os fatos não pareciam mais estáveis. Como ele poderia confiar no que lhe haviam dito sobre Joseph McCarthy, a Guerra Civil ou o aquecimento global? E quanto à própria democracia? Após anos de debates enérgicos nas seções de comentários dos blogs de outras pessoas, ele decidiu criar o seu próprio blog. Não lhe faltava ambição. O primeiro post começava assim: "Outro dia, eu estava mexendo na minha garagem e decidi criar uma nova ideologia".

O acadêmico alemão Hans-Hermann Hoppe é às vezes descrito como uma porta de entrada intelectual para a extrema direita. Professor de economia aposentado da Universidade de Nevada, Las Vegas, Hoppe argumenta que o sufrágio universal suplantou o governo de uma "elite natural"; defende a divisão das nações em comunidades menores e homogêneas; e pede que comunistas, homossexuais e outros que se opõem a essa ordem social rígida sejam "fisicamente removidos". (Alguns nacionalistas brancos criaram memes que associam o rosto de Hoppe a um helicóptero - uma alusão à prática do ditador chileno Augusto Pinochet de executar oponentes jogando-os de uma aeronave). Embora Hoppe seja a favor de um estado mínimo, ele acredita que a liberdade é mais bem preservada pela monarquia do que pela democracia.

Yarvin quase acabou se tornando um libertário. Como programador da área da baía e devoto dos economistas da escola austríaca, com vinte e poucos anos, ele apresentava todos os fatores de risco. Então, ele descobriu o livro de Hoppe, "Democracy: The God That Failed" (2001) e mudou de ideia. Yarvin logo adotou a imagem de Hoppe de um homem forte benevolente - alguém que governaria com eficiência, evitaria guerras sem sentido e daria prioridade ao bem-estar de seus súditos. "Não se trata de cópia e colagem, mas é uma influência tão direta que chega a ser obscena", disse Julian Waller, um estudioso de autoritarismo da

Universidade George Washington. (Por e-mail, Hoppe lembrou que encontrou Yarvin uma vez em uma reunião exclusiva na casa de Peter Thiel, onde Hoppe foi convidado a falar. Ele reconheceu sua influência sobre Yarvin, mas acrescentou: "Para o meu gosto, sua escrita sempre foi um pouco floreada e divagante demais"). Hoppe argumenta que, diferentemente das autoridades democraticamente eleitas, um monarca tem um incentivo de longo prazo para proteger seus súditos e o Estado, porque ambos pertencem a ele. Qualquer pessoa familiarizada com a história das ditaduras pode achar essa ideia falsa. Yarvin, não.

"Você não saqueia sua própria casa", ele me disse uma tarde, em um café ao ar livre em Venice Beach. Eu havia lhe perguntado o que impediria seu monarca CEO de saquear o país - ou escravizar seu povo - para ganho pessoal. "Para Luís XIV, quando ele diz: 'L'état, c'est moi', saquear o estado não tem nenhum significado porque, de qualquer forma, é tudo dele." Seguindo Hoppe, Yarvin propõe que as nações sejam eventualmente divididas em uma "colcha de retalhos" de estados, como Cingapura ou Dubai, cada um com seu próprio governante soberano. Os eternos problemas políticos de legitimidade, responsabilidade e sucessão seriam resolvidos por um conselho secreto com o poder de selecionar e destituir o todo poderoso CEO de cada corporação soberana, ou SovCorp. (Não está claro como o próprio conselho seria selecionado, mas Yarvin sugeriu que os pilotos de avião - "uma fraternidade de pessoas inteligentes, práticas e cuidadosas a quem já se confia regularmente a vida de outras pessoas. O que há para não gostar?" - poderiam gerenciar a transição entre os regimes). Para evitar que um diretor executivo desse um golpe militar, os membros do conselho teriam acesso a chaves criptográficas que lhes permitiriam desarmar todas as armas do governo, desde mísseis nucleares até armas de pequeno porte, com o apertar de um botão.

A participação política em massa é necessária, e a única maneira de as pessoas votarem seria com os pés, mudando de uma SovCorp para outra se ficassem insatisfeitas com os termos de serviço, como mudar de X para Bluesky. A ironia de que dissidentes como Yarvin provavelmente seriam reprimidos em tal estado parece não preocupá-lo. Em sua política imaginada, ele insiste, ainda haveria liberdade de expressão. "Você pode pensar, dizer ou escrever o que quiser", ele prometeu. "Porque o Estado não tem motivo para se importar."

O cinismo congênito de Yarvin em relação à governança desaparece assim que ele começa a falar sobre regimes ditatoriais. Ele tem palavras gentis para o homem forte de El Salvador, Nayib Bukele, e incentivou Trump a deixar Putin acabar com a ordem liberal "não apenas nos territórios de língua russa, mas até o Canal da Mancha". Comendo um prato de Lula frita, Yarvin elogiou a China e Ruanda (nenhuma das quais ele visitou) por terem governos fortes que garantiam tanto a segurança pública quanto a liberdade pessoal. Na China, ele me disse, "você pode pensar e dizer praticamente o que quiser". Ele pode ter percebido meu ceticismo, dado o histórico do país de prender críticos e determinar minorias étnicas em campos de concentração. "Se você quiser se organizar

contra o governo, terá problemas", admitiu. Em seguida, ele voltou ao seu aerógrafo: "Não são problemas de Stalin. Você simplesmente será cancelado".

Para certas pessoas, como viciados em metanfetamina ou crianças de quatro anos, disse Yarvin, liberdade demais pode ser mortal. Então, apontando para a população sem-teto acampada na vizinhança, ele começou a chorar de repente. "A ideia de que isso representa sucesso, ou que isso representa o 'pior de todos os sistemas, exceto por todos os outros'" - ele estava se referindo ao famoso comentário de Churchill sobre democracia, que eu havia parafraseado anteriormente - "é altamente delirante", disse ele, enxugando as lágrimas. (Algumas semanas depois, em uma viagem a Londres, eu o vi desmoronar ao fazer um discurso semelhante para um membro da Câmara dos Lordes. A segunda vez foi menos emocionante).

Presumivelmente, o monarca de Yarvin agiria de forma decisiva para proteger seus protegidos. No café de Veneza, Yarvin elogiou a Delancey Street Foundation, uma organização de reabilitação sem fins lucrativos, cujo programa rigoroso ele caracterizou como exercendo "controle de nível fascista dos pais". Algumas de suas próprias propostas vão além. Em seu blog, ele brincou uma vez sobre converter as classes baixas de São Francisco em biodiesel para abastecer os ônibus da cidade. Em seguida, sugeriu outra ideia: colocá-los em confinamento solitário, conectados a uma interface de realidade virtual. Seja qual for a solução exata, ele escreveu, é crucial encontrar "uma alternativa humana ao genocídio", um resultado que "alcance o mesmo resultado que o assassinato em massa (a remoção de elementos indesejáveis da sociedade), mas sem nenhum estigma moral".

O apelo de Yarvin por um homem forte americano é frequentemente tratado como uma provocação excêntrica. Na verdade, ele a considera a única resposta para um mundo em que a maioria das pessoas não está apta para a democracia. Um "país africano hoje", disse-me ele, tem "pessoas inteligentes o suficiente no país para administrá-lo - você simplesmente não tem pessoas inteligentes o suficiente para ter uma eleição democrática em que todos sejam inteligentes". Devido a essas observações, Yarvin às vezes é identificado como um nacionalista branco, rótulo ao qual ele resiste delicadamente. Em uma postagem de 2007 no blog intitulada "Why I Am Not a White Nationalist" (Por que não sou um nacionalista branco), ele explicou que, embora não seja "exatamente alérgico a isso", considera a branquitude e o nacionalismo conceitos políticos inúteis. Durante o almoço, ele me disse que sente uma simpatia lamentável pelos fanáticos do passado, que tinham algumas intuições corretas, mas não tinham a ciência adequada. Os neo-reacionários tendem a aderir ao que eles chamam de "biodiversidade humana", um conjunto de crenças marginais que sustentam, entre outras coisas, que nem todos os grupos raciais ou populacionais são igualmente inteligentes. Como Yarvin percebeu em sua pesquisa on-line, essas diferenças genéticas contribuíram para (e, convenientemente, ajudaram a explicar) as diferenças demográficas na pobreza, na criminalidade e no nível educacional. "Nesta casa, acreditamos na ciência - na ciência racial", escreveu ele no ano passado.

Durante várias horas, Yarvin se arrastou em seus argumentos a favor da regra do homem forte, como um leiloeiro desesperado para fechar uma venda. Escutei pacientemente, embora muitas vezes ficasse intrigado com suas distorções factuais e seus apartes peculiares. "Qual é a política certa em um regime completamente novo para os afro-americanos?", ele se perguntou em voz alta em um determinado momento. Em um primeiro momento, isso pareceu um non sequitur: Eu o estava pressionando sobre como ele definiria o sucesso no segundo governo Trump. Respondendo a si mesmo, ele disse que a "solução óbvia" para os problemas de abuso de drogas e pobreza no centro da cidade seria "colocar os negros da igreja no comando dos negros do gueto". Yarvin, que é ateu, não está particularmente interessado em um governo teocrático, mas defende a criação de códigos legais diferentes para governar populações diferentes. (Ele citou o sistema millet otomano, que concedia às comunidades religiosas uma certa autonomia). Para manter os "negros do gueto" na linha, ele continuou, eles deveriam ser forçados a viver de uma "maneira tradicional", como os judeus ortodoxos ou os Amish. "A abordagem adotada no século XX é que, se pudéssemos tornar as escolas suficientemente boas, todos se transformariam em unitaristas", disse ele. "Se você já viu 'The Wire' e viveu em Baltimore, e eu já vivi, isso não parece funcionar de jeito nenhum." Foi só quando ele chegou ao final do discurso, dez minutos depois, que percebi que ele estava, à sua maneira, respondendo à minha pergunta inicial. "A menos que possamos reprogramar totalmente o DNA para mudar o que é um ser humano, há muitas pessoas que não deveriam viver de uma forma moderna, mas de uma forma tradicional", concluiu. "E esse é um nível de revolução que está muito além de qualquer coisa que o regime Trump-Vance esteja fazendo."

Yarvin não é conhecido por sua descrição. Ele tem o hábito de compartilhar correspondência particular, como descobri quando ele começou a me enviar capturas de tela não solicitadas de mensagens de texto e e-mails que havia trocado com sua esposa, seus amigos, um verificador de fatos da Times Magazine e alguém indicado para o novo governo. Ele parecia incomodado com a ideia de que a inteligência e a sabedoria que elas continham poderiam ser perdidas para a posteridade. Ele foi mais cauteloso em relação à sua amizade com Thiel, mas mencionou uma conversa que eles filmaram em particular no ano passado e se gabou de um presente de aniversário de 40 anos que recebeu do bilionário: "The Tragedy of Europe", de Francis Neilson, um comentário contemporâneo sobre a Segunda Guerra Mundial, embora não fosse a primeira edição que Yarvin esperava.

Thiel sempre teve um toque profético. Ele foi cofundador do PayPal, tornou-se o primeiro investidor externo do Facebook e criou a Palantir, uma empresa de mineração de dados que acaba de receber um novo contrato para ajudar os agentes do Serviço de Imigração e Alfândega a realizar deportações. Thiel apoiou Trump na época em que isso ainda fazia de alguém um pária no Vale do Silício. Em 2022, ele doou 15 milhões de dólares para a campanha de J. D. Vance ao Senado, a maior quantia doada a um único candidato na história do Congresso. Libertário de longa data, Thiel parece ter dado uma guinada yarviniana por volta de 2009, quando, em um ensaio amplamente citado e

publicado on-line pelo Cato Institute, ele escreveu: "Não acredito mais que a liberdade e a democracia sejam compatíveis". Yarvin criou um link para esse ensaio em uma postagem de blog intitulada "Demographobia Goes (Slightly) Viral". Eles logo se encontraram pela primeira vez na casa de Thiel em São Francisco e, de acordo com as mensagens privadas que analisei, iniciaram uma correspondência confidencial. Os e-mails de Yarvin eram longos e homiléticos, cheios de preceitos colhidos em blogs de artistas de pegação; os de Thiel eram diretos e concisos. Os dois homens pareciam ter como certo que os Estados Unidos eram um país comunista, que os jornalistas agiam como a Stasi e que os CEOs de tecnologia eram suas presas.

No outono de 2014, Thiel publicou "Zero to One", um tratado best-seller sobre startups, com Blake Masters, seu funcionário e fã de longa data da Moldbug. Antes da turnê do livro, Thiel pediu conselhos a Yarvin sobre como responder às perguntas que ele poderia receber sobre como atrair mais mulheres para a tecnologia. A premissa pareceu a ambos equivocada, já que as mulheres, na opinião deles, tinham menos probabilidade de ter a aptidão dos homens para a ciência da computação. Como Yarvin disse em um e-mail: "Simplesmente não há outra maneira, a não ser se tornar uma farsa para o Google, YC" - Y Combinator, o acelerador de startups - "etc., etc., de 'parecer com os Estados Unidos'". "Yarvin sugeriu que Thiel usasse uma tática de artista de engate chamada "concordar e amplificar", ou seja, perguntar a uma jornalista, que provavelmente não tinha nenhuma solução em mente, o que ela faria para resolver o problema. "O objetivo aqui não é fazer com que a interlocutora durma com você, mas fazer com que ela tema essa questão e fuja dela - e o mesmo vale para futuros entrevistadores", escreveu ele. Certa vez, em um jantar, Thiel questionou Yarvin sobre como se poderia derrubar o Gawker. (Como se viu, Thiel já havia decidido bancar secretamente o processo de difamação de Hulk Hogan contra a publicação on-line, que acabou levando-a à falência em 2016). Em e-mails obtidos pelo BuzzFeed, Yarvin se gabou para Milo Yiannopoulos, o editor do Breitbart, de ter assistido à primeira eleição de Trump na casa de Thiel e de tê-lo "treinado". "Peter precisa de orientação sobre política, com certeza", respondeu Yiannopoulos. Yarvin escreveu de volta: "Menos do que você imagina! . . . Ele é totalmente esclarecido, apenas joga com muito cuidado".

Quando visitei recentemente a casa Craftsman de Yarvin, em Berkeley, notei uma pintura que Thiel havia lhe dado: um retrato de Yarvin no estilo de uma carta de personagem de jogo de RPG, com a legenda "Filósofo". Enquanto eu tomava um gole de chá em uma caneca com uma imagem de Yarvin com uma coroa de desenho animado, ele me disse que seria "constrangedor" para ele divulgar seu relacionamento com Thiel - ou com Vance, aliás, que ele conheceu por meio de Thiel por volta de 2015. "Será que um eleitor normal de Ohio lê ... Mencius Moldbug? Não", teria dito Vance em uma noite em um bar durante a Conferência Nacional de Conservadorismo de 2021. "Mas será que eles concordam com a ideia geral do rumo que achamos que as políticas públicas americanas devem tomar? Sem dúvida." "Ele é um cara muito legal", disse Yarvin sobre o vice-presidente, que o seguiu no X no início deste ano. (A Casa Branca não

respondeu aos pedidos de comentários).

Embora Yarvin tenha tentado ser discreto, ele mencionou que Thiel tem um pouco de "um lado esquisito" e descreveu Andreessen, o capitalista de risco, como alguém que, "além do formato bizarro e possivelmente até não humano de sua cabeça, pareceria muito mais normal do que Peter". Depois que Andreessen investiu na startup de Yarvin, a Tlon, os dois começaram a se conhecer; eles trocaram mensagens de texto e saíram para tomar um brunch muito antes de Andreessen se tornar um apoiador de Trump, no ano passado. Andreessen é conhecido por pedir a seus associados que leiam o blog de Yarvin. "Os técnicos não estão interessados em apelos à virtude, à beleza ou à tradição, como a maioria dos conservadores", disse o funcionário do Departamento de Estado. "Eles são mais parecidos com os progressistas de direita e, por muito tempo, Moldbug foi a única pessoa que falava com eles dessa forma." (Andreessen e Thiel não quiseram comentar.) A propósito de seu relacionamento com homens poderosos, Yarvin parafraseou para mim "um conselho maravilhoso para cortesãos" que ele pegou em "Letters to His Son", de Lord Chesterfield, um manual de etiqueta do século XVIII dirigido ao filho ilegítimo do autor: "Nunca os incomode. E nunca deixe que eles esqueçam que você existe".

Yarvin teve mais sucesso como cortesão de fundadores de startups do que como fundador. Ele lançou a Tlon em 2013, com um ex-bolsista de vinte e poucos anos da Thiel. Yarvin abordou a ciência da computação da mesma forma que abordou o governo dos EUA - com, como ele disse, "megalomania utópica". O objetivo visionário de Yarvin era criar uma rede de computadores ponto a ponto, chamada Urbit, que permitiria aos usuários controlar seus próprios dados, sem repreensões, espiões e monopólios. Cada usuário da rede Urbit é identificado com um N.F.T. que funciona como um passaporte digital. Embora a Urbit promova a descentralização, o sistema é projetado em torno de um modelo hierárquico de imóveis virtuais, com usuários proprietários de "planetas", "estrelas" ou "galáxias".

Em um esboço inicial do sistema, Yarvin se autodenominou seu "príncipe", mas teve dificuldades para atrair súditos para seu reino imaginário. Assim como a teoria política de Yarvin, sua linguagem de programação, que ele mesmo escreveu, era ousada, obscura e, às vezes, confundida com uma farsa. Sempre contrariado, ele inverteu o significado de zeros e uns. Após décadas de trabalho e um investimento estimado em trinta milhões de dólares, a Urbit parece funcionar menos como uma sociedade feudal e mais como os fóruns da Usenet da juventude de Yarvin. (A publicação comercial CoinDesk o chamou de "uma versão mais lenta do AOL Instant Messenger"). "Não funciona como deveria", disse-me um ex-funcionário da Urbit, descrevendo Yarvin como "o primeiro maníaco por ciência da computação do mundo". Yarvin deixou a empresa em 2019.

Não precisando mais se preocupar em assustar os investidores, Yarvin se lançou no estilo de vida de um autodenominado "intelectual desonesto". Com seu próprio nome, ele lançou um boletim informativo no Substack, "Gray Mirror of the Nihilist Prince" (Espelho cinza do príncipe niilista). (Hoje, é a terceira publicação

de "história" mais popular da plataforma.) Ele se tornou um participante fixo do circuito de podcasts de direita e parecia nunca recusar um convite para uma festa. Em suas viagens, ele frequentemente organizava "horas de expediente" - discussões informais e livres com os leitores, muitos deles jovens atenciosos, alienados pela culpa liberal e pelo pensamento de grupo. O que converte Yarvin é menos a solidez de seus argumentos do que a energia transgressora que eles exalam: ele faz com que seus ouvintes sintam que ele está lhes concedendo acesso ao conhecimento proibido - sobre hierarquia racial, conspirações históricas e a perfídia do governo democrático - que a cultura progressista se esforça para suprimir. Sua abordagem aproveita a realidade de que a maioria dos americanos nunca aprendeu a defender a democracia; eles simplesmente foram criados para acreditar nela.

Yarvin aconselha seus seguidores a evitar batalhas culturais sobre questões como D.E.I. e aborto. É mais sensato, segundo ele, deixar o sistema democrático entrar em colapso por si só. Enquanto isso, os dissidentes devem se concentrar em ficar "na moda", criando uma subcultura reacionária - uma contra-catedral. Sam Kriss, um escritor de esquerda que debateu com Yarvin, disse o seguinte sobre seu trabalho: "Ele lisonjeia as pessoas que acreditam que podem mudar o mundo simplesmente por terem ideias estranhas na Internet e festas decadentes em Manhattan".

Essas pessoas passaram a ser conhecidas como a "direita dissidente", uma constelação frouxa de artistas e lutadores agrupados na Bay Area, em Miami e no microbairro Dimes Square, no Lower East Side. O meio foi reunido pela frustração com a política eleitoral, com os bloqueios da Covid e com as restrições da "wokeness". A sinalização de vício (vice signaling) tem sido fundamental para o fascínio contracultural da cena: em vez de compartilhar pronomes e empregar a nomenclatura aprovada ("sem moradia", "latino", "pessoa envolvida com a justiça"), seus membros reviveram insultos como "gay" e "retardado". Dasha Nekrasova e Anna Khachiyan, apresentadoras do podcast "Red Scare", estão entre os mais proeminentes avatares da cena. Em 2021, Thiel ajudou a financiar um festival de cinema antidesperto em Nova York, e Yarvin leu sua poesia em um de seus eventos lotados. A Urbit agora hospeda uma revista literária projetada para se parecer com a The New York Review of Books. "Se você é um judeu-americano inteligente e urbano que quer brincar com certos temas nietzschianos e eugênicos, não vai se juntar aos manifestantes portadores de tochas de tiki que gritam que 'os judeus não nos substituirão'", observou o comentarista conservador Sohrab Ahmari em um ensaio no ano passado. "Não, você recorre à direita dissidente".

Yarvin emergiu como um veterano senhor da orla desse público, que ele comparou à subcultura gay de São Francisco nos anos 70 e à Geração Perdida dos modernistas literários - comunidades muito unidas cujos membros se uniam pelo sentimento de serem forasteiros. James Joyce, segundo ele, vendeu poucas cópias de "Ulysses", mas seus amigos, como Ezra Pound e T. S. Eliot, "sabiam que o que ele estava fazendo era bom". O mesmo aconteceu com os criativos da direita dissidente, cujos esforços, segundo ele, foram ignorados pela intolerante

Cathedral. Em abril deste ano, Yarvin apresentou a Darren Beattie, subsecretário de Estado interino para Diplomacia Pública, um plano para que "artistas de direita dissidente" assumissem o pavilhão americano na Bienal de Veneza.

Ultimamente, Yarvin tem tentado transformar parte de seu capital cultural recém adquirido em algo real. No ano passado, ele retornou à Urbit como "C.E.O. em tempo de guerra", após o que vários funcionários importantes pediram demissão e, em fevereiro, ele levantou mais dinheiro da Andreessen Horowitz. De acordo com o rascunho de um post não publicado no Substack, seu mais novo plano é promover a Urbit como um clube privado de elite cujos membros, segundo ele, estão destinados a se tornar "as estrelas da nova esfera pública - uma nova Usenet, uma nova Atenas digital construída para durar para sempre".

Na noite anterior à posse de Trump, levei Yarvin de carro a um "Baile de Coroação" no Watergate Hotel, em Washington, D.C. O evento foi organizado por uma editora neorreacionária, a Passage Press, que lançou recentemente o livro de Yarvin "Gray

Mirror, Fascicle I: Disturbance", o primeiro de um ciclo planejado de quatro partes que descreve sua visão de um novo regime político. Suas notas finais consistem predominantemente em links com código QR para páginas da Wikipédia:

"Desnazificação", "L'État, c'est moi", "Presentismo (análise histórica)". Enquanto eu atravessava as ruas geladas, Yarvin explicou que, durante a era elisabetana, as melhores mentes das artes e das ciências eram encontradas na corte.

Quando perguntei se ele via um paralelo com o círculo íntimo de Trump, ele começou a rir. "Oh, não", disse ele. "Meu Deus."

Como a maioria dos jornalistas, minha entrada no baile havia sido negada, então pedi um drinque em um bar no saguão. Ao meu lado estava um homem usando um chapéu de caubói e um terno de veludo cor de vinho - um entusiasta de Yarvin, chamado Alex Maxa. Ele dirigia uma empresa de ônibus para festas em São Francisco e, em seu tempo livre, criava memes com a imagem de Yarvin. Ele disse que se sentiu atraído pelo trabalho de Yarvin porque "ele me faz sentir como se eu tivesse algo contra o qual as pessoas em Washington, que se consideram muito inteligentes, não conseguem apresentar um argumento convincente". Ele queria ir ao baile, mas os ingressos, cujo preço havia subido para US\$ 20 mil, estavam esgotados. Pouco tempo depois, encontrei dois amigos de Yarvin, que incentivaram a mim e a outro jornalista que estava comigo a entrar na festa com eles. Maxa já estava lá dentro, tendo adotado uma abordagem semelhante. "Lol, eu simplesmente entrei perguntando onde ficava o guarda-volumes", ele enviou uma mensagem de texto.

A Passage Press havia anunciado o evento como "MAGA encontra a direita tecnológica". Não se tratava de propaganda enganosa. Em um salão de banquetes inundado de luz rosa e roxa, Anton, do Departamento de Estado, Laura Loomer, uma sussurradora de Trump conhecida por seu fanatismo antimuçulmano, e Jack Posobiec, que popularizou a teoria da conspiração do Pizzagate, se misturaram com capitalistas de risco, aceleradores de criptografia

e estrelas do Substack. No início da noite, enquanto os convidados jantavam vieiras grelhadas e filé mignon, Steve Bannon, o principal orador do baile, pediu deportações em massa, o "Götterdämmerung" do estado administrativo e a prisão de Mark Zuckerberg.

Oito anos atrás, Mike Cernovich, um influenciador da primeira geração da alt-right, foi co-anfitrião de uma festa de inauguração conhecida como DeploraBall, uma referência à infeliz frase de Hillary Clinton sobre metade dos apoiadores de Trump pertencerem a uma "cesta de deploráveis". Foi, segundo todos os relatos, um evento desastroso, atormentado por jornalistas e manifestantes. Um dos co-organizadores de Cernovich, Tim Gionet, que atende pelo pseudônimo on-line Baked Alaska, foi afastado de sua função depois de publicar conteúdo antissemita no Twitter. Agora, no Coronation Ball, o Baked Alaska foi servido como sobremesa - uma homenagem, ao que parece, a Gionet, que na época estava em liberdade condicional por participar da insurreição de 6 de janeiro. (Ele foi perdoado por Trump no dia seguinte.) Cernovich empurrou um bebê em um carrinho de bebê e ficou maravilhado, como um pai orgulhoso, com o avanço do movimento. "Eu era um dos caras mais velhos do lugar!", ele tuitou na tarde seguinte. "A verdadeira ala direita. Alta energia e alto QI." Em 2008, Yarvin, em sua "Carta Aberta", havia convocado uma vanguarda reacionária para formar um partido político clandestino. O Coronation Ball deixou claro que isso não era mais necessário. Sua contra-elite na Internet era agora o establishment.

Yarvin estava vestido com o mesmo smoking, incluindo uma faixa vermelha brilhante, que havia usado em uma festa na casa de Thiel, em D.C., na noite anterior, onde, conforme relatou o Politico, Vance o cumprimentou amigavelmente com "Seu fascista reacionário!". Ele também usou o smoking em seu casamento no ano passado. A primeira esposa de Yarvin morreu em 2021, de uma doença cardíaca hereditária, aos cinquenta anos de idade. No baile, ele estava acompanhado de sua segunda esposa, Kristine Militello. Ex-apoiadora de Bernie Sanders e aspirante a romancista, Kristine descreveu a si mesma como tendo sido "red-pilled" durante a pandemia, depois de perder seu emprego de atendimento ao cliente em um varejista de vinhos on-line. Ela encontrou Yarvin pela primeira vez no YouTube, onde assistiu a um vídeo em que ele argumentava contra a legitimidade da Revolução Americana e passou a ler tudo o que ele havia escrito. Ela lhe enviou um e-mail de admiração em 2022, pedindo conselhos sobre como entrar no cenário literário de direita dissidente de Nova York, e eles se encontraram para tomar um drinque algumas semanas depois.

Recentemente, Yarvin passou a se descrever como um "elfo das trevas" cujo papel é seduzir os "altos elfos" - as elites do estado azul - plantando "bolotas de dúvidas sombrias em suas mentes douradas". (Nessa metáfora inspirada em Tolkien, os conservadores do estado vermelho são "hobbits" que devem se submeter ao "poder absoluto" de uma nova classe dominante composta, sem surpresa, por elfos negros). Ele nem sempre se expressou de forma tão pitoresca. Em 2011, um dia após o terrorista de extrema direita Anders Behring Breivik ter matado 69

pessoas, muitas delas adolescentes, em um acampamento de verão na Noruega, Yarvin escreveu: "Se você vai transformar a Noruega em algo novo, você precisa que a atual classe dominante da Noruega se junte a você e o siga. Ou, pelo menos, você precisará dos filhos deles". Ele elogiou Breivik por ter visado o grupo certo ("comunistas, não muçulmanos"), mas condenou seus métodos: "O estupro é beta. A sedução é alfa. Não massacre o acampamento de jovens - recrute o acampamento de jovens".

Os esforços de recrutamento da própria Yarvin pareciam estar funcionando. Perto do bar aberto, conversei com Stevie Miller, um alegre estudante do segundo ano da Carnegie Mellon que lê Yarvin desde a sétima série. (Yarvin me disse que encontrou vários Zoomers talentosos que o leram quando eram pré-adolescentes porque seu "estilo de Q.I. elevado" servia como um "ímã de Q.I. elevado"). Dois anos atrás, Miller saiu com Yarvin no Vibecamp, um encontro de nerds e técnicos na zona rural de Maryland. Yarvin, que saiu mais cedo, pediu a Miller que o ajudasse a organizar sua própria festa em D.C., que ficou conhecida como Vibekampf. Posteriormente, Miller se tornou o primeiro estagiário pessoal de Yarvin. "Meus pais, judeus liberais de Nova York que eu adoro, ficaram totalmente perplexos", disse ele.

Depois de meia hora, fui escoltado para fora da festa, assim como outros repórteres durante a noite. O segurança confundiu Maxa, meu amigo do saguão, com um dos nossos, e ele também foi expulso, mas não antes de passar pela multidão para tirar uma foto com o elfo negro.

Até mesmo os críticos mais pessimistas de Trump se assustaram com a velocidade com que o presidente, em seu segundo mandato, passou a impor a autocracia nos Estados Unidos, concentrando o poder no Poder Executivo - e, muitas vezes, nas mãos dos homens mais ricos do planeta. Elon Musk, um cidadão não eleito, liderou um esquadrão de jovens de vinte e poucos anos em uma farra no governo federal, demitindo dezenas de milhares de funcionários públicos, fechando a Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional e assumindo o controle do sistema de pagamento do Departamento do Tesouro. Enquanto isso, a Administração lançou um ataque à sociedade civil, revogando o financiamento de Harvard e de outras universidades que, segundo ela, são bastiões de doutrinação ideológica e punindo escritórios de advocacia que representaram os oponentes de Trump. Ele expandiu o mecanismo de aplicação da lei de imigração, deportando três crianças nascidas nos EUA para Honduras, um grupo de imigrantes asiáticos e latino-americanos para a África e mais de duzentos migrantes venezuelanos para uma prisão de segurança máxima em El Salvador, onde podem permanecer até o fim de suas vidas. Os cidadãos americanos agora se deparam com um governo que reivindica o direito de fazê-los desaparecer sem o devido processo legal: como Trump disse a Bukele, o presidente de El Salvador, durante uma reunião no Salão Oval, "os cidadãos de origem são os próximos". Sem um sistema vigoroso de freios e contrapesos, as ideias malucas de um homem - como iniciar uma guerra comercial incoerente que abala a economia global - não são filtradas. Elas se tornam políticas que enriquecem sua família e seus aliados.

Desde janeiro, uma indústria caseira surgiu on-line para rastrear as ligações entre as ações caóticas do governo e os escritos de Yarvin. Yarvin dificilmente é a figura semelhante a Rasputin com acesso ao Salão Oval que certos usuários do Bluesky imaginam que ele seja, mas não é difícil entender por que algumas pessoas podem

ter chegado a esse ponto de vista. No mês passado, um conselheiro anônimo do DOGE disse ao Washington Post que era "um segredo aberto que todos os que exercem funções de formulação de políticas leram Yarvin". Stephen Miller, vice-chefe de gabinete do presidente, recentemente o citou em um tweet. Vance pediu que os EUA se afastassem da Europa, um desejo antigo de Yarvin. Na primavera passada, Yarvin propôs expulsar todos os palestinos da Faixa de Gaza e transformá-la em um resort de luxo. "Será que ouvi alguém dizer 'à beira-mar'?", escreveu ele no Substack. "A nova Gaza - desenvolvida, é claro, por Jared Kushner - é a Los Angeles do Mediterrâneo, uma cidade totalmente nova no oceano mais antigo da humanidade, um imóvel sublime com um governo absolutamente perfeito, com a qualidade da Apple." Em fevereiro deste ano, durante uma coletiva de imprensa conjunta com Benjamin Netanyahu, o primeiro-ministro israelense, Trump surpreendeu seus assessores ao fazer uma proposta quase idêntica, descrevendo sua Gaza reconstruída como "a Riviera do Oriente Médio".

Sempre que eu perguntava a Yarvin sobre as ressonâncias entre seus textos e os eventos do mundo real, sua resposta era indiferente. Ele parecia ver a si mesmo como um canal para a razão pura - o único mistério, para ele, era por que os outros haviam demorado tanto tempo para alcançá-la. "Você pode inventar uma mentira, mas só pode descobrir a verdade", ele me disse. Estávamos em Londres, onde ele estava participando da Alliance for Responsible Citizenship, uma conferência conservadora co-fundada pelo psicólogo Jordan Peterson. (Yarvin me descreveu Peterson como "um dândi" com "uma estranha energia narcisista que emana dele"). Acompanhando Yarvin em suas viagens estavam Eduardo Giralt Brun e Alonso Esquinca Díaz, dois cineastas da geração do milênio que estavam filmando um documentário sobre sua vida. O objetivo deles era fazer um estudo de personagem naturalista no estilo de "Grey Gardens", no qual, como Brun disse, "a câmera simplesmente estava por perto". As coisas não estavam indo como planejado. Yarvin repetia sempre os mesmos monólogos, o que significava que grande parte da filmagem era a mesma. Os cineastas temiam que seus comentários racistas afastassem os espectadores. Em uma tarde em Londres, Díaz havia filmado Yarvin pintando seu retrato com Lord Maurice Glasman, um teórico político pós-liberal que foi chamado de "Lord MAGA do Partido Trabalhista", por seu apoio ao Brexit e seu diálogo contínuo com figuras como Steve Bannon. Em um determinado momento da conversa, Yarvin sacou seu iPhone para mostrar a Glasman que havia hackeado o chatbot Claude para que ele o chamasse pela palavra "N".

Alguns pensadores invejariam a atenção que Yarvin está recebendo. Mas ele descartou sua influência como uma "moeda fraudulenta", uma vez que ela ainda não se transformou na revolução que ele deseja. Ele desprezou o DOGE ("tanto

DNA libertário") e o plano tarifário de Trump (não suficientemente mercantilista). Em um ensaio recente sobre o Substack, ele criticou a decisão de enviar agentes do ICE à

paisana para prender estudantes universitários e professores por discurso político - não por motivos morais, mas porque a ótica brutal provavelmente provocaria resistência. Os pronunciamentos oraculares de Yarvin e o desdém sem fundo pela política realmente existente inspiraram uma publicação viral: seu rosto sob as palavras "Suas ações contra o regime funcionam bem na prática. Mas será que elas funcionam na teoria?" O ativista conservador Christopher Rufo comparou Yarvin a "um adolescente mal-humorado que insiste que tudo é inútil". Cheguei a pensar nele como um reacionário que ficaria satisfeito com nada menos do que a autocracia perfeita que ele construiu em sua mente.

Esse aparente desejo de controle também se manifesta em alguns de seus relacionamentos. Há pouco tempo, visitei Lydia Laurenson, ex-noiva de Yarvin, em Berkeley. Os dois começaram a namorar em setembro de 2021, depois que Yarvin publicou um anúncio pessoal no Substack, explicando que havia perdido recentemente sua "virgindade de viúvo" e estava procurando conhecer alguém em "idade fértil". Laurenson, um escritor e editor freelancer, respondeu no mesmo dia: "Historicamente, tenho sido um liberal, mas meu QI é muito alto, quero ter filhos e estou incrivelmente curioso para conversar com você." Yarvin teve encontros pelo Zoom com outras mulheres que responderam à postagem - entre elas, Caroline Ellison, a ex-namorada do agora preso empresário de criptografia Sam Bankman Fried - mas ele e Laurenson logo se viram em um romance que consumia tudo. Ela me disse que o ethos de seu relacionamento com Yarvin era "'Vamos ser gênios juntos e ter bebês gênios'. Estou tirando um pouco de sarro disso, mas era realmente isso".

Assim como Yarvin, Laurenson foi uma criança precoce que entrou na faculdade mais cedo. Ela também mantinha um blog com um culto de seguidores, no qual, sob o pseudônimo de Clarisse Thorn, escrevia sobre feminismo sexualmente positivo, B.D.S.M. e arte da pegação. Ela e Yarvin brigavam com frequência, às vezes sobre política. Laurenson havia se afastado da esquerda, mas não havia adotado totalmente a neo-reação. Quando perguntei se ela já havia mudado a opinião de Yarvin sobre alguma coisa, ela disse que havia conseguido fazer com que ele parasse de usar a palavra N, pelo menos perto dela. (Mais tarde, ele disse a esta revista que não estava usando a palavra no espírito de "um proprietário de plantação do sul").

A maior fonte de tensão, de acordo com Laurenson, era o estilo de apego autocrático de Yarvin. Quando eles brigavam, disse Laurenson, ele insistia que ela apresentasse uma justificativa racional para encerrar as hostilidades. Ela achava que os ataques pessoais escorregadios de Yarvin se assemelhavam à maneira dele em debates públicos. "Ele inventa explicações que parecem razoáveis, mas que na verdade são falsas; ele ataca o caráter da pessoa que está tentando apontar o que ele está fazendo; é como um ataque DDoS à alma", ela me disse por e-mail, referindo-se à estratégia de ataque cibernético de sobrecarregar um servidor com tráfego de várias fontes. James Dama, um amigo de Laurenson que

teve seu próprio desentendimento com Yarvin, lembrou: "Ele fazia uma piada grosseira sobre o peso ou a aparência de Lydia, não conseguia rir e depois ficava com raiva de Lydia por ser muito arrogante". (Tanner, a primeira namorada de Yarvin, descreveu um padrão semelhante de insultos e exigências).

Laurenson e Yarvin se separaram no verão de 2022, quando Laurenson estava grávida. Ele me disse que seu desejo de proximidade pode ter parecido a Laurenson "autoritário e sufocante" e que ele tinha o mau hábito de fazer "uma piada que é uma espécie de farpa", mas negou que tenha sido propositalmente cruel durante o relacionamento. (Acrescentou que, após o término do relacionamento, "meu instinto natural era: vou diminuí-la sempre que puder" - algo em que, segundo ele, era "muito bom"). Poucas semanas após o nascimento do filho, em dezembro daquele ano, Yarvin entrou com uma ação judicial para obter a guarda parcial, o que lhe foi concedido. Um processo em andamento no tribunal de família continua acrimonioso. "Os pais estão em desacordo sobre quase todas as questões", observou o mediador no ano passado.

Agora que compartilham uma criança pequena, Laurenson passa muito tempo pensando na infância de Yarvin. "Ele tem essa coisa de palhaço de classe, onde ele anseia muito por atenção", disse ela. Para ela, parecia que a adoção de uma ideologia provocativa era uma espécie de "compulsão por repetição", uma defesa psicológica que lhe permitia reformular o ostracismo que sofreu na infância. Como o monarquista vivo mais famoso dos Estados Unidos, ele podia dizer a si mesmo que as pessoas o estavam rejeitando por suas ideias extravagantes, não por sua personalidade. Ela se perguntou se ele teria adotado "a coisa monarquista" como um tipo de esporte intelectual, um pouco da Usenet, e então, como o mundo paralelo na história de Borges, ele lentamente assumiu uma realidade própria. "É como se você tivesse encontrado esse lugar onde as pessoas o admiram e permitem que você trolle o quanto quiser, e então você simplesmente vive nesse mundo?", ela perguntou.

Na última década, o liberalismo tem sofrido ataques de ambos os lados do espectro político. Seus críticos à esquerda consideram seu gradualismo comedido incompatível com as múltiplas emergências do presente: mudanças climáticas, desigualdade, ascensão de uma direita etnonacionalista. Os conservadores, por outro lado, pintam o liberalismo como um leviatã cultural que pisoteou os valores tradicionais. Em "[Why Liberalism Failed](#)" (2018), o cientista político de Notre Dame, Patrick Deneen, argumenta que a ênfase americana contemporânea na liberdade individual veio às custas da família, da fé e da comunidade, transformando-nos em "eus cada vez mais separados, autônomos e não relacionais, repletos de direitos e definidos por nossa liberdade, mas inseguros, impotentes, com medo e sozinhos". Outros teóricos pós-liberais, incluindo Adrian Vermeule, propuseram que o Estado restringisse certos direitos a serviço de um "bem comum" explicitamente católico.

Yarvin está pedindo algo mais simples e mais satisfatório do ponto de vista libidinal: queimar tudo e começar do zero. Desde o advento do neoliberalismo no final dos anos 70, os líderes políticos têm tratado cada vez mais a governança como uma gestão corporativa, transformando os cidadãos em clientes e

privatizando serviços. O resultado foi uma maior desigualdade, uma rede de segurança social enfraquecida e a percepção generalizada de que a própria democracia é a culpada por esses males, criando um apetite exatamente pelo tipo de eficiência autocrática que Yarvin agora exalta. "Um programa de Yarvin pode parecer sedutor durante um período de governo neoliberal, em que os esforços para mudar as coisas, seja o aquecimento global ou a máquina de guerra, parecem fúteis", disse-me a historiadora Suzanne Schneider. "Você pode se sentar, não dar a mínima e deixar que outra pessoa comande o show." Yarvin tem pouco a dizer sobre a questão do florescimento humano ou sobre os seres humanos em geral, que aparecem em sua obra como ovelhas a serem pastoreadas, idiotas a serem corrigidos ou marionetes controladas por marionetistas esquerdistas.

Seja qual for o dom que Yarvin tenha para atrair a atenção, seu trabalho não sobrevive a um exame minucioso. Ele está repleto de silogismos espúrios e argumentos reconfigurados para corresponder às suas intuições preconceituosas. Ele leu muito, mas usa seu conhecimento apenas como matéria-prima para o mesmo conto de fadas reacionário: era uma vez, as pessoas sabiam seu lugar e viviam em harmonia; então veio o Iluminismo, com sua "nobre mentira" do igualitarismo, mergulhando o mundo na desordem. Yarvin frequentemente critica os acadêmicos por tratarem a história como um filme da Marvel, com heróis e vilões simplificados demais, mas não está claro o que ele acrescenta ao quadro ao chamar Napoleão de "cara de startup". (Ele favoreceu as teorias revisionistas de que as peças de Shakespeare foram realmente escritas pelo décimo sétimo conde de Oxford e que a Guerra Civil Americana, que ele chama de Guerra de Secessão, piorou as condições de vida dos negros americanos). "O bom das fontes primárias é que, muitas vezes, basta uma para provar seu ponto de vista", proclamou ele, o que seria uma novidade para os historiadores.

Alguns de seus críticos mais rigorosos são de direita. Rufo, o ativista conservador, escreveu que Yarvin é um "sofista" cujo estilo de debate consiste em "insultos infantis, ataques de paranoia, itálicos pesados, digressões sem sentido, bibliografia competitiva e alusões a desenhos animados". Ele acrescentou: "Quando alguém tenta localizar o que você realmente pensa, não consegue deixar de descobrir que não há muita substância". O engajamento mais generoso com as ideias de Yarvin veio de blogueiros associados ao movimento racionalista, que se orgulha de avaliar as evidências até mesmo de afirmações aparentemente rebuscadas. Sua formidável paciência, no entanto, também se esgotou. "Ele nunca se dirigiu a mim como um igual, apenas como uma pessoa que sofreu lavagem cerebral", disse Scott Aaronson, um eminente cientista da computação, sobre suas conversas. "Ele parecia pensar que se me desse mais um trabalho de leitura sobre escravos felizes cantando ou mais um monólogo sobre F.D.R., eu finalmente veria a luz."

A seriedade intelectual pode não ser o objetivo. As polêmicas de Yarvin se mostraram úteis para a direita em busca de uma justificativa para o ressentimento nerd e a vontade plutocrática de poder. "O cara não tem uma teoria coerente do caso", disse-me o senador democrata Chris Murphy, de

Connecticut. "Acontece que ele está dizendo algo em voz alta que muitos republicanos estão ansiosos para ouvir."

Não é difícil prever o fim totalitário de uma visão de mundo que combina o culto ao poder com o desprezo pela dignidade humana - o fascismo, como alguns podem chamá-lo. Como seus inimigos ideológicos, os bolcheviques, Yarvin parece acreditar que a única coisa que impede a utopia é a falta de vontade de usar todos os meios possíveis para alcançá-la. Ele afirma que a transição para o seu regime será pacífica, até mesmo alegre, mas fantasias de violência cintilam em toda a sua obra. "A menos que o monarca esteja pronto para realmente genocidar a nobreza ou as massas, ele precisa capturar a lealdade delas", escreveu ele em uma publicação do Substack em março. "Você não vai espumar essas pessoas, como perus com gripe aviária. Certo?"

As fortes opiniões de Yarvin sobre como o mundo deveria funcionar se estendiam a esse perfil. Algumas de suas sugestões eram intrigantes: ele sugeriu a ideia de organizar um debate com uma de suas ex-namoradas e me convidou para acompanhá-lo a Doha para uma reunião com Omar bin Laden, um dos filhos de Osama. Outros eram oficiais. Em determinado momento, ele me enviou nove mensagens de texto contestando meu uso da palavra "extremo" - "um pejorativo hostil", explicou ele, que seria melhor não usar em meu artigo. (Ele já havia se gabado várias vezes em nossas conversas gravadas de que era mais "extremista" do que qualquer outro membro da atual administração). Alguns dias após o Baile da Coroa no Watergate Hotel, ele escreveu para a The New Yorker para reclamar que eu havia entrado sem a permissão de sua editora; ele disse que esperava que o incidente não se transformasse em "Watergate 2" e se referiu a si mesmo como "certamente a pessoa mais amigável com a mídia no local!" (Jonathan Keeperman, seu editor na Passage Press e anfitrião do baile, sugeriu certa vez que o Partido Republicano deveria "colocar um poste de luz" - ou seja, linchar - "os jornalistas", portanto, não era uma barreira particularmente alta a ser ultrapassada).

Em uma manhã deste inverno, acordei com vinte e oito mensagens de Yarvin expressando preocupação com minha técnica de reportagem. "O problema é que seu processo é frouxo e posso sentir que ele está gerando conteúdo de baixa qualidade, porque não é suficientemente contraditório", escreveu ele. "Quando o processo não é contraditório, não sei contra o que estou lutando." Ele pensou brevemente se eu era "burro demais para entender as ideias" ou se eu havia sucumbido à autocensura mental que Orwell chamou de "crimestop". Ele me incentivou a assistir a "The Lives of Others" (A vida dos outros), um filme vencedor do Oscar que retrata o relacionamento entre um dramaturgo da Alemanha Oriental e um agente da Stasi encarregado de vigiá-lo. O agente da Stasi, escreveu ele, "pode realmente escrever as ideias do dramaturgo, *sem sequer pensar nelas*. É que ele nem sequer permite que elas toquem seu cérebro". No filme, o agente da Stasi acaba "caindo" depois de simpatizar com as opiniões do dramaturgo. Yarvin, presumivelmente, era o dramaturgo.

Ele disse que estava vindo me ver, por outro lado, como um "NPC", ou personagem não-jogador. Ele propôs que eu fizesse um teste Voight-Kampff, o exame fictício em "Blade Runner" usado para distinguir andróides de humanos. Sua versão envolveria nós dois debatendo "a 'teoria da lousa em branco' versus 'racismo'" e gravando a conversa. (Quando expliquei que meu processo de reportagem não incluía a submissão a testes sob demanda, Yarvin me enviou uma captura de tela de "August 1968", poema de W. H. Auden sobre a invasão da Tchecoslováquia liderada pelos soviéticos para reprimir a Primavera de Praga:

O ogro faz o que os ogros podem fazer
Ações completamente impossíveis para o homem,
Mas um prêmio está além de seu alcance,
O ogro não consegue dominar a fala

Ele continuou dizendo que, apesar de ter concordado em participar dessa história porque "nenhuma publicidade é má publicidade", ele agora tentaria acabar com ela se pudesse.

Fiquei impressionado com o contraste entre suas mensagens e o tom de cabeça fria que ele recomendou que Thiel e outros amigos usassem ao lidar com a mídia. Depois que o artigo de 2013 do TechCrunch identificando Yarvin foi publicado, Balaji Srinivasan, o empresário, propôs em um e-mail "lançar o público do Dark Enlightenment em um único repórter hostil e vulnerável para doxá-los". Yarvin o dissuadiu. "O que Heartiste diria?" perguntou Yarvin, referindo-se ao blog "Chateau Heartiste", um blog nacionalista branco de artistas de pegação. "Quase sempre, a resposta alfa correta é 'nada'. Não diga nada. Não faça nada."

Em uma tarde agradável no final de fevereiro, Yarvin e sua esposa, Kristine, estavam dirigindo por uma estrada rural no sul da França. Eles estavam acompanhados pelos documentaristas Brun e Díaz. "Para onde estamos indo, Kristine?" Brun perguntou do banco do passageiro, virando a câmera para filmá-la no banco de trás, ao meu lado.

Ela disse que tinha apenas uma vaga noção. "Honestamente, ele me conta tudo de última hora", explicou. "É como ser um cachorro. Você só sabe que está entrando no carro e não sabe se vai para o parque dos cachorros ou se vai para o veterinário, mas vai descobrir quando chegar lá."

"Espontaneidade", acrescentou Yarvin.

"Essa é uma palavra para isso", provocou Kristine.

Estávamos a caminho de encontrar Renaud Camus, um romancista e panfletário de setenta e oito anos que, em 2011, publicou "The Great Replacement" (A Grande Substituição), um manifesto incendiário que argumentava que as elites liberais estavam por trás de uma conspiração para substituir os europeus

brancos por migrantes da África e do Oriente Médio. Desde então, a frase do título se tornou um grito de guerra para os nacionalistas brancos em todo o mundo, desde Charlottesville, Virgínia, onde, em 2017, os manifestantes gritavam "Vocês não nos substituirão", até Christchurch, Nova Zelândia, onde, dois anos depois, um homem que havia publicado um manifesto com o mesmo título do de Camus matou cinquenta e um muçulmanos.

Ao chegarmos a uma colina, as paredes do castelo de Camus, Château de Plieux, apareceram. "Alguém sabe se ele é parente de Albert Camus?" perguntou Yarvin. "Acho que ele não é parente de Albert, mas é um francês adorável, velho, gay e literário."

Brun, que é venezuelano, se perguntou o que faria se Camus "tivesse uma placa que dissesse 'Proibida a entrada de estrangeiros'". "

"Bem, você está aqui para nos substituir?" brincou Kristine. Ninguém respondeu.

Yarvin tocou uma impressionante campainha de metal ao lado da porta, e logo fomos conduzidos para dentro por Pierre Jolibert, sócio de Camus. No andar de cima, Camus estava nos esperando com uma garrafa de champanhe. Com sua barba branca bem cuidada e seu paletó de veludo cotelê marrom, completo com uma gravata borboleta e uma corrente de ouro para o relógio de bolso, ele parecia um homem de letras do século XIX. Falando um inglês perfeito, com sotaque inglês, ele fez parecer que não tivera escolha a não ser comprar o castelo, que datava do início do século XIII, depois que sua biblioteca ficou grande demais para seu pequeno apartamento em Paris. Isso foi há trinta e cinco anos. Agora, reconhecendo as pilhas de livros que estavam tomando conta de seu escritório cavernoso, ele disse que estava enfrentando o mesmo problema aqui.

Durante várias taças de champanhe, Yarvin fez uma série de perguntas a Camus, embora raramente esperasse tempo suficiente para que seu anfitrião desse uma resposta completa. O que Camus achava de Philippe Pétain? Charles de Gaulle? Napoleão III? Napoleão I? Ernst Jünger? Ernst von Salomon? Ezra Pound? Basil Bunting? Mais do que uma interação, Yarvin, o ex-campeão de curiosidades, parecia querer um tapinha na cabeça por sua demonstração de aprendizado.

Depois de descermos para almoçar - tiras de pato assado, quiche Lorraine, vinho tinto - Yarvin retomou seu interrogatório. Camus avaliava Thomas Carlyle? Michel Houellebecq? Luís XIV? O que ele diria a Charles Maurras se ele estivesse vivo hoje? O que Dostoiévski teria pensado sobre a teoria do vazamento do laboratório da Covid?

Camus soltava uma risada aguda sempre que Yarvin fazia uma pergunta particularmente estranha, mas ficou perplexo com as repetidas perguntas de seu convidado sobre Brigitte Macron, a primeira-dama francesa, que Yarvin suspeitava ser na verdade um homem. "Estamos lidando com a coisa mais importante da história do continente", exclamou Camus, referindo-se ao aumento da imigração não branca na Europa. "O que importa se a Sra. Macron é

um homem ou uma mulher?"

Brun pediu aos homens que se movessem até uma janela para que ele pudesse atirar neles do lado de fora. Enquanto Yarvin olhava para a colcha de retalhos de campos bem cuidados abaixo, ele falou sobre a Grande Substituição como "um dos maiores crimes" da história. "É maior do que o Holocausto? Eu não sei. . . . Ainda não vimos isso acontecer". Ele estava bebendo desde sua chegada e parecia estar em um estado emocional. "Tenho três filhos", disse ele a Camus. "Eles serão basicamente alinhados e levados para valas comuns?" Eles estavam discutindo o romance apocalíptico de Jean Raspail, "The Camp of the Saints" (1973), que retrata uma invasão de migrantes indianos destruindo as nações europeias. Agora, soluçando, ele continuou: "Quero que meus filhos morram no século XXII. Não quero que eles vivenciem algum tipo de Holocausto pós-colonial insano".

Depois da sobremesa, do café e de um rum de Guadalupe, era hora de um passeio noturno. Carregando uma bengala de madeira, Camus conduziu Yarvin pela pequena cidade de Plieux. A primavera havia chegado cedo: uma cerejeira estava desabrochando com pequenas flores. Ao passarem pela igreja local, Yarvin pegou seu celular para mostrar a Camus uma foto da criança que ele compartilha com Laurenson. "A mãe dessa criança não era minha esposa", disse ele em tom de confiança. Um momento depois, ele estava lendo um poema de C. P. Cavafy, chorando mais uma vez.

Quando Yarvin e Camus seguiram em frente, os cineastas fizeram uma pausa para avaliar as filmagens do dia. Brun disse que Yarvin o lembrava do personagem prolixo de "Airplane!", que fala tão incessantemente que leva seus colegas de assento a se matarem. Ficamos imaginando o que Camus estava achando da tarde. Não demorou muito para descobrirmos. "Se as trocas intelectuais fossem trocas comerciais - o que elas são, até certo ponto - o valor das minhas exportações não chegou a um por cento do valor das minhas importações", escreveu Camus em seu diário, que ele publicou on-line no dia seguinte. "O visitante falou sem interrupção desde sua chegada até sua partida, durante cinco horas, muito rapidamente e muito alto, interrompendo-se apenas por curiosos acessos de lágrimas, quando falava de sua falecida esposa, mas também, mais estranhamente, de certas situações políticas."

Já estava escuro quando todos voltamos ao castelo. "Muito obrigado pela hospitalidade, pelo pato e pelo castelo", disse Yarvin, olhando ao redor. "Quanto dinheiro você gastou nele?"

Apertando carinhosamente o braço de Yarvin, Kristine disse: "Você não pode simplesmente perguntar isso às pessoas!"

Camus deu a Yarvin alguns de seus livros como lembrança, mas a mente de Yarvin já parecia estar em outro lugar. Amanhã, ele voaria para Paris para se reunir com um grupo de Zoomers de vestes vermelhas e Éric Zemmour, um polemista de extrema direita que já concorreu à presidência da França.

Quando nos dirigimos ao carro, Yarvin estava animado com o seu desempenho. Ele se virou para mim e para os cineastas. "Foi bom?", ele perguntou. "Foi bom?"

